

ELENIR ALVES
organizadora



Meu sertão

poemas, contos e crônicas



Selo Revista Projeto AutoEstima

ORGANIZADORA

ELENIR ALVES

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Elenir Alves

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Projeto AutoEstima

ISBN: 978-65-00-48011-5

2022

Patrocínio:

www.revistaprojetautoestima.blogspot.com

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO POEMA,
CONTO OU CRÔNICA

Lei da sobrevivência, por Ana Beatriz Carvalho, pág. 05

O sofrido sertanejo, por André Luiz Martins de Almeida, pág. 10

Bunker, por Brunno Vittorazze, pág. 12

O homem do aquário, por Brunno Vittorazze, pág. 16

A lucidez de um poema, por Cecília Souza, pág. 19

Soneto do meu sertão, por Henrique Cananosque Neto, pág. 22

Receitas de família, por Lidianne Araújo Monteiro, pág. 24

Puro desvario, por Noah de Aguiar, pág. 29

Um fim de mundo qualquer, por Paulini Procaci, pág. 33

A casa da freguesia, por Pedro Veríssimo da Silveira, pág. 39

Verso de julho, por Tainá Laíse Silva (Tay), pág. 45

Forasteiro, por Tiago Salpin, pág. 47

Horto no sertão, por Vânia Lúcia Malta Costa Catunda, pág. 50

Amor do sertão, por Wanda Rop, pág. 52

Fascínio pelo sertão, por Wanda Rop, pág. 54

Sou poeta, por Zenilda Teodora de Lima, pág. 56

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 58

Organização, capa e diagramação: Elenir Alves - Elenir@cranik.com

ELENIR@CRANIK.COM

WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA

WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA

WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

“

Quero ser lembrado como o sanfoneiro que amou e cantou muito seu povo, o sertão, que cantou as aves, os animais, os padres, os cangaceiros, os retirantes, os valentes, os covardes, o amor.

”

Luiz Gonzaga



APRESENTAMOS O CONTO



LEI DA SOBREVIVÊNCIA

Por Ana Beatriz Silva Carvalho



Escritora brasileira. Educadora com especialização em Direitos Humanos e mestrado em Políticas Públicas. Associada titular da Casa de Sonhos. Sua produção literária reúne contos e prosa poética. Contos da autora foram selecionados para Antologias e Coletâneas. Membro do Clube do Contista (Helena Sylvestre) e aluna do curso A Arte da Escrita (Eny Souza). Autora do livro Contos de uma Mulher Feliz: viver para crer que tudo é bom, belo e necessário.



Olhava ao redor com alguma angústia sem que por isso se desesperasse. E sonhava. Sonhava com algo mais, que fizesse frente a tão pouco ou quase nada.

Acordava e dormia invariavelmente com a sensação de que havia carência. Como se existisse um espaço em branco aguardando ser preenchido por algo que transbordaria em abundância.

Eram 10 irmãos, um pai e uma mãe dedicados. Uma família vivendo naquele interior rude, mas muito amado por todos da estirpe. Ela era a quarta filha por ordem de nascimento. Três mais velhos e seis mais novos. Ainda na infância, um regressou à Pátria celestial, desfalcando a parentela. Uma família unida, simples, cujo cuidado mútuo era a Lei da Sobrevivência.

Nos seus diálogos introspectivos, recordava que desde sempre trabalhara: vendendo leite na comunidade onde vivia com irmãos e pais, ainda pequena, fazendo uma coisa aqui outra acolá à medida em que crescia com a idade. Nunca se vira completamente desocupada. A família toda envidava esforços para se manter viva e presente. Presente no dia, na noite e nos hiatos destes. Presente na vida.

Ela sempre acalentou o desejo de seguir o seu destino e deixar o pouco que ali possuía para aqueles que nada tinham. Ao terminar os seus estudos de ensino médio, apresentou ao pai o desejo que lhe movia as mais sinceras aspirações: morar na cidade grande, trabalhar com afinco e garantir a sobrevivência dos familiares que ficariam à distância. O pai relutou, tentou demovê-la diversas vezes daquele intento. Até aborrecido ficou. Todavia, profundos laços que a ela o unia transmutaram a intolerância do que se lhe afigurava, desde o ponto de vista do olhar de um pai amoroso, como uma ruptura da rede familiar.

Ao visitar uma prima sensata e amiga íntima de todas as horas, confidenciou-lhe o seu propósito, oportunidade em que recebeu o seu apoio, bem como a informação de que Brasília traduzia a alma dos aspirantes a uma vida melhor. A indicação da prima exerceu impacto. Como antevendo o futuro, a aspirante a imigrante substituiu o seu anterior e

incerto destino de algures pela precisa capital do país, esperançosa de que a cidade de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer lhe propiciasse a construção de uma vida diferente, espaçosa, grandiosa, confortável e moderna. Esse seu ímpeto se inspirou na arquitetura, no urbanismo e na vastidão do céu azul da bela cidade: “lá, tal qual nessa cidade de todos os brasileiros, o meu horizonte será infinito!”

Quando anunciou a sua partida, seis dos seus irmãos decidiram acompanhá-la, abraçando o sonho da irmã de conquistar dias melhores.

Seguiu. Seguiu levando consigo a Lei da Sobrevivência como bandeira, escudo e ferramenta. Noites e dias foram consumidos na longa viagem que levaria parte daquela família do interior até ao destino pretendido. Uma saga. Consigo e com os irmãos aventureiros desembarcaram planos que modelariam roteiros de ação destinados à tarefa de êxito na nova terra (a imigrante audaciosa lembrava a todo tempo que Brasília, à diferença das demais cidades do país, fora planejada, muito bem planejada!). Precisava planejar a sua vitória.

Rogativas aos Céus, petições na Terra: os seis irmãos se lançaram à busca de trabalho e sobrevivência sem se afastarem da Lei estampada em sua alma e que afirmava o compromisso incontornável de zelo mútuo. Era a Lei da Sobrevivência ensinada pelo pai e cultivada pela mãe. Praticavam-na. Sempre.

Viram na capacitação a possibilidade de qualificarem-se para responder às suas pretensões. Estudavam, instrumentalizavam-se, aprendiam e ensinavam. Faziam de tudo. Trabalhavam muito e cada dia mais, sempre unidos entre si e responsáveis uns pelos outros. Nada se escusava à Lei da Sobrevivência. A comida de um era para todos. O remédio desse era também para aquele. A vestimenta era compartilhada entre irmãos que muito se estimavam. Importavam-se com o bem-estar coletivo e se empenhavam para ser motivo de orgulho dos pais e de si próprios.

Mas era ela a esperança de todos. Ela irradiava solução, providência e amparo. Descobria ou criava caminhos, os trilhando com determinação, onde não havia estradas. Abria portas e janelas onde não tinha paredes. Era ela a fonte de confiança e realização

para os membros imigrantes daquela família humilde. Porto seguro de todos. A conexão entre eles era intensa e imensa, bonita de se ver.

Além do ímpeto e da determinação ao trabalho desde tenra infância, qualquer que fosse a ocupação digna, também se comprazia com a estética feminina. Mesmo no bojo da labuta diária, sempre atarefada, lembrava que um pequeno detalhe no rosto, nos cabelos, nas mãos, nos pés, fazia toda a diferença.

Seus olhos reluziam com o novo, diante do impossível ou das possibilidades da vida. Se não existissem probabilidades do advento do inédito ou do original, ela as criava.

Após 16 anos trabalhando como manicure, desempenhando com alegria e disposição os misteres próprios da profissão e contando com a fidelidade de muitas clientes arregimentadas pela sua eficiência e mansidão, não desistira jamais dos seus sonhos: crescer. Espiritual, material, social e intelectualmente. Pautada na Lei da Sobrevivência, foi bem-sucedida ao conduzir os irmãos ao mercado de trabalho, bem como na sacrossanta incumbência tomada por si como provedora zelosa do conforto dos pais distantes. Foi assim que, certa vez, se deparou com um convite ousado.

O irmão mais velho, também o irmão mais amigo, mais próximo de sua alma, em um dia corriqueiro, onde a faina diária reduzia os momentos de descanso, leu em um jornal o anúncio da venda de um salão localizado numa das áreas mais nobres de Brasília. Sensível aos pensamentos, sonhos e intenções da irmã, o irmão vislumbrou naquele anúncio o brilhante futuro que a esperava.

Com o rosto iluminado de bons pressentimentos, o irmão dobrou o jornal, colocou-o debaixo do braço, deixando o serviço para o dia seguinte. Em seu coração palpitava a necessidade de dividir com a irmã o auspicioso sentimento que lhe animara desde que se deparara com o anúncio do salão. Cumpria estar com ela o mais breve que pudesse.

Uma vez reunidos no lar da irmã, uma casa um pouco menos humilde que a casa original da família, sentaram-se juntos à mesa. Era noite fria. Aconchegados, dialogaram sobre a vida, os sonhos, as oportunidades que recebiam do Cosmo para a evolução permanente. A perpassar todos os temas, a compreensão da relevância de vencerem a si

próprios, desde os seus respectivos universos interiores, para depois vencerem o mundo externo. Concluíram ser esse o caminho. No conforto favorecido pela convergência de ideias e sentimentos, o irmão quase se esqueceu do jornal e do anúncio.

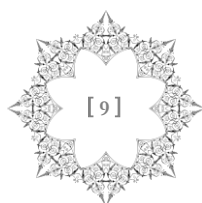
Mas não o fez. Antes, com o ímpeto de quem se acorda de algo muito importante, o irmão correu ao quarto e trouxe o periódico para a irmã. Entusiasmo e esperança se lhe tornavam confusas as palavras e os olhares. Mas disse, afinal: “conseguiremos o que queremos”.

Percorreram juntos os desafios em prol daquela conquista que se anunciava como o propósito maior de sua mudança da terra natal para a nova morada urbana. Confiança, dedicação e entrega desmedida foram alguns dos recursos que os impulsionaram para o tão esperado triunfo.

Poucos dias após o encontro entre os irmãos, lá estava ela no salão de beleza outrora anunciado, já como proprietária do empreendimento. Desde o dia de sua presença inaugural, o ambiente se foi ampliando: de uma loja, passou a duas; de duas, a três. Sobrelojas foram adquiridas e logo veio um “filhote”, nas palavras da mulher desbravadora e sonhadora: um salão de beleza noutra quadra nobre de Brasília.

A riqueza material, acompanhada da necessária evolução espiritual, instalou-se definitivamente em sua vida. Sua família protegida e o sonho realizado. Palavras ditas e sentidas. Palavras confirmadas. Perseverança sempre. Desistência nunca.

“Com caneta de ouro, Deus escreveu a minha história”, repetia. Assim distribuía a sua receita: fé, gratidão e a Lei da Sobrevivência. Todos importam. Se um está bem, os outros também o estarão.






APRESENTAMOS O POEMA



O SOFRIDO SERTANEJO

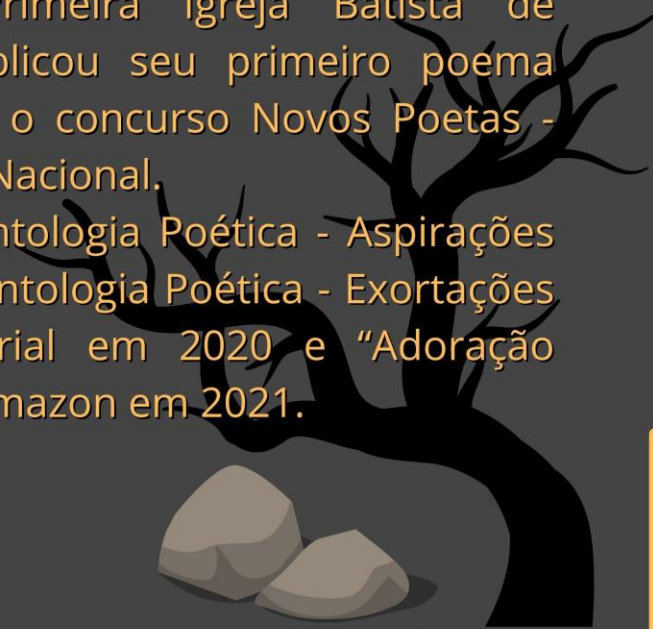
Por André Luiz Martins de Almeida



Nasceu em 21 de janeiro de 1970 no Rio de Janeiro. Mora em Queimados desde a infância, mas já morou em outro Estado como Rio Grande do Sul, na cidade do Rio Grande. Aprendeu poesia nos livros e se inscreveu no Varal de literatura na E.E.Dom Bosco em 1986, com seu primeiro poema e recebendo um certificado de participação, em 1987 passou a escrever continuamente.

Militar desde 1988, atualmente está na reserva da MB e membro ativo da PIBQ (Primeira Igreja Batista de Queimados) desde 2014. Publicou seu primeiro poema inédito escrito em 2015, para o concurso Novos Poetas - Poetize 2016 da Editora Vivara Nacional.

Publicou seu primeiro livro "Antologia Poética - Aspirações de um Discípulo" em 2019 e "Antologia Poética - Exortações Inspiradas" pela Drago Editorial em 2020 e "Adoração Poética" pelo sistema KDP da Amazon em 2021.



O meu país tem um deserto chamado sertão.
A seca chega e afugenta o povo daquele chão.
A família que permanece, olha com desalento do portão.

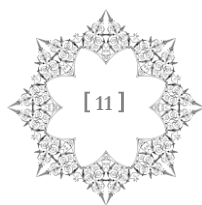
Me chamo sertanejo, povo que reside na sequidão.
O sertão é minha terra, que muitos acham local de servidão.
Falta água e comida, só não falta fé no cidadão.

Buscam ajuda na religião, pedindo a *Deus* perdão e consolação.
Quem pergunta: “*Sertanejo, queres água ou graça?*”, está de insolação?
Sua resposta será como testemunho, o que obtiver terá gratidão.
Consulte e se oriente na palavra, ela é a sua certidão.

A graça é a água da alma sedenta.

Venha sertanejo, e o seu pedido apresenta.
Deus quer um povo, que lhe representa.

A água descera no meu sertão, quando não se aparenta,
Pois o milagre, que não se espera é o que contenta.
O sofrido sertanejo, que vive na seca, sempre aguenta!






APRESENTAMOS A CRÔNICA



BUNKER

Por Brunno Vittorazze



Me chamo Brunno, tenho 31 anos e nasci e sempre vivi em Uberaba, Minas Gerais. Sou formado em Engenharia Elétrica e trabalho na indústria. Meus hobbies são a natação, o aprendizado de idiomas e principalmente a leitura. Aprendi a gostar de ler tarde na minha vida e hoje compenso os anos sem livros me metendo a ler qualquer pedaço de papel que encontro na minha frente. Recentemente descobri uma vontade pulsante de também preencher as folhas de papel com as minhas ideias.



Tenho um abrigo pessoal para me refugiar de tudo e todos. Ali permaneço inacessível a qualquer incômodo.

Cinco da tarde! Só consigo pensar em meu *bunker*. Guardo minhas tralhas, bato o ponto e disparo até alcançar meu veículo, ansiando por fugir de qualquer indivíduo que queira iniciar conversa fiada. Empreitada impossível! Sempre haverá uma alma resoluta em gastar-lhe nem que sejam 5 minutos para compartilhar a mais inútil das notícias ou dúvidas possíveis, e esta pessoa se manterá alheia a todas espiadas que você der no relógio na esperança de a pessoa se tocar e você se desvencilhar dela. Entro no *Palio* e parto. Tenho certeza que alguns lá fora escutaram o breve e baixo cantar de pneus. Paciência!

O trânsito neste horário é uma prova para cardíacos, mas enfim chego no centro de natação. Pouca gente hoje. Isso é bom, não precisarei dividir a raia. O professor passa o treino do dia. Parece executável, nada de cronômetro hoje, apenas longas distâncias e educativos.

Caio na água. O choque causado pelo frio aflora um breve arrependimento. As primeiras braçadas anulam esse pensamento e entro então no meu refúgio. Daqui para frente me ocuparei apenas em pensar nos movimentos dos nados. Nada mais! Braço esquerdo, braço direito, rotação de tronco, respira, braço esquerdo.

Duzentos metros se passaram. Estou engolindo um pouco de água ainda ao respirar. Já sei! Foquei nos membros superiores e as pernadas estão deficitárias, logo o corpo afunda um pouco mais ao girar o tronco. É tudo física a beleza deste esporte. Quando ganhamos maior resistência em nossos músculos, conseguimos nos atentar para os movimentos corretos. E para executar a técnica precisa o cérebro necessita de estar em comunhão com o corpo para ditar-lhe qual será o próximo passo.

Oitocentos metros. Ao fazer a virada consigo ver a outra borda. Não é possível! *Não acredito que o treinador vai colocar esse cara na minha raia.* Volto a engolir água, perdi o foco. Retomo a atenção. Ainda faltam duzentos metros. Em todo o caso, devo redobrar a concentração porque dividir raia significa menor espaço e demanda cautela para não acertar o companheiro.

Finalizada a primeira parte do treino tomo alguns goles d'água da garrafinha e olho paro o relógio. Sem tempo para descanso. Não me recordo o motivo, porém não posso enrolar muito hoje. Inicio os educativos. Agora sim não conseguirei pensar em mais nada externo.

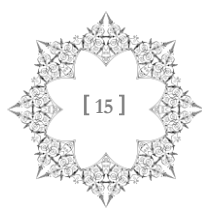
Membros doloridos. A liberação de endorfina vem recompensar todo o trabalho duro. Questiono-me de súbito: *Por que está cada dia mais difícil acordar no horário certo? Por que ando tão irritado e esmorecido?*

Treino encerrado! Alongo rapidamente os membros, saio da piscina e desço as escadas que levam aos vestiários. Ao entrar no recinto já recebo pilhérias daqueles aos quais adquiri um mínimo de intimidade: *"Poxa! E o seu Coringão que não durou nem 2 semanas na liderança!"*. Risadas. Então recorro ao lugar comum: *"Direcione-me a palavra quando conquistar um mundial!"*. E devolvo a risada espirituosamente.

Entro no chuveiro e regulo os registros. Nada melhor do que um banho quente desses para aliviar os músculos. A vazão do chuveiro é excelente. *"Eu trabalho aqui e venho todos os dias só por causa deste banho"*, disse-me uma vez um dos instrutores da academia. Ao fechar os olhos e massagear meus cabelos com shampoo me vem à mente: *"É a combinação da temperatura e velocidade da água"*. Por falar em velocidade, a recidiva do câncer do meu pai apareceu numa rapidez impiedosa. Já tomou a cervical. Falando em câncer, minha mãe também acaba de ser diagnosticada com o mal. Tenho de visitá-los o quanto antes lá no bom e velho sertão. Neste final de semana não dá. Nem no próximo. Minha esposa e eu

temos compromissos. Acabo de me lembrar, pela manhã ela me ordenou que eu passasse no supermercado no caminho de volta para casa. Isso vai me atrasar. Anseio por chegar em casa, tirar os calçados e relaxar no sofá desde a hora que fui trabalhar de manhã. Odeio fazer desvios de trajeto. O que me lembra que devo levar o *Palio* amanhã no mecânico para trocar as pastilhas de freio e extinguir aquele barulho terrível de uma vez por todas. Vou me atrasar para o serviço amanhã.

Serviço. Meu Deus! Não enviei o e-mail resposta para os fornecedores como o chefe pediu no final do expediente! Desligo o chuveiro e pego meu celular de dentro da mochila. Treze ligações perdidas. Penso na piscina lá fora.





APRESENTAMOS A CRÔNICA



O HOMEM DO AQUÁRIO

Por Brunno Vittorazze



Me chamo Brunno, tenho 31 anos e nasci e sempre vivi em Uberaba, Minas Gerais. Sou formado em Engenharia Elétrica e trabalho na indústria. Meus hobbies são a natação, o aprendizado de idiomas e principalmente a leitura. Aprendi a gostar de ler tarde na minha vida e hoje compenso os anos sem livros me metendo a ler qualquer pedaço de papel que encontro na minha frente. Recentemente descobri uma vontade pulsante de também preencher as folhas de papel com as minhas ideias.



Enfim a madrugada! Ao fundo as vozes vão se reduzindo, as buzinas se emudecem e os ruídos alheios minguam conforme o breu se assenta. É a hora da coruja. Quando ela se ausenta da toca para alçar voo. Seu dia se inicia agora. Assim como o meu. Tudo o que viera antes fora trivial.

É a passagem de sexta para sábado, portanto, dou-me o direito de apanhar algumas latas de cerveja no freezer para celebrar a ocasião. O que fazer? São tantas possibilidades! Ler, ouvir um som, ver um filme a muito preterido... Ainda não é hora! Estamos apenas iniciando. Opto pela descontração, a combinação ideal: jogos de computador enquanto escuto minha playlist de política no *YouTube*, com vídeos escolhidos a dedo durante a semana que se encerra.

Os minutos são efêmeros. Já estamos na hora do morcego. Ouso abrir a janela de vidro. Débeis sons de conversas longínquas, de algazarras e ladainhas e até mesmo de automóveis a cortar a via rápida ainda alcançam aqui, o terceiro andar. Fecho novamente o aquário. Nesta altura, sem muro como obstáculo o barulho chega estéreo, livre de qualquer barreira. Não importa! Temos tempo.

Quando atingimos a hora do fantasma estou radiante. Me pego gargalhando, inebriado pela mescla de cerveja e vídeos engraçados. *Memes*, como minha geração optou por denominar. Mas a breve olhadela no relógio me faz recompor-me. Três da manhã é a zona crepuscular. Quando imperceptíveis gargantas se abrem no espaço-tempo e alguns elementos da zona abissal se tornam livres para fazer o que bem entenderem em nosso plano. Quem sabe, acerto de contas.

Cerro o cenho em deferência e dirijo-me à sala para ler um livro difícil. Aquele que durante a semana, sob o jugo da rotina maçante, é impossível de ser compreendido. Aquele que demanda abstração para assimilação. Ah, como a serenidade facilita!

A hora do lobo chega tão logo me pego pescando com a leitura. É quando vem o silêncio. Permite-se neste ponto a abertura das janelas. Aproveito e espio lá fora. “*A treva mais estrita já pousará sobre a estrada de Minas*” escreveu *Carlos Drummond de Andrade* certa feita. Acredito que ele estivera se referindo a este ponto da noite, a zona hadal, quando o céu se torna mais negro do que o preto. Como o *Vantablack*.

O silêncio sepulcral só se desfaz pelo som de gatos brigando em algum telhado das casas lá embaixo. Existem poucas coisas mais aterradoras do que gritos e miados suplicantes de gatos levados à fúria por alguma fêmea no cio.

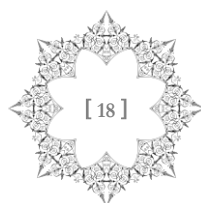
Encerro a bebedeira e removo as latinhas do freezer. Na despensa apanho o primeiro saco de salgadinhos que alcanço e coloco um seriado na plataforma *X* de *streaming*.

A chegada da alvorada vem ao término do episódio, na hora do galo. O céu se acobreia e a temperatura cai. Pego uma blusa de manga longa no quarto e aproveito para olhar a janela. Há névoa recém-formada. As nuvens que encobertam o céu são como chumbo. Não somente pela cor, mas também pelo peso que carregam consigo.

O cenário mais o álcool ainda residente tornam a atmosfera melancólica. Os primeiros acordes dos galos penetram como adagas. São o anúncio. Logo, os cômodos começam a ser preenchidos pelo laranja e as silhuetas dos móveis tornam-se aparentes. A quietude no bloco condominial está prestes a ser quebrada.

As avenidas de possibilidades para a noite serão então bloqueadas. Impossível não estender esta mesma inferência para as oportunidades da vida que eu poderia ter perseguido. Arrependimento sobre o que não fiz, sobre o que deveria ter feito. Eu poderia ter sido uma pessoa melhor, mais amorosa. Chega de olhar lá fora! Saio da janela e encerro o aquário em definitivo.

Hora de banhar e me deitar. As manhãs de sábado sempre trazem o mais triste aubade.






APRESENTAMOS O POEMA



A LUCIDEZ DE UM POEMA

Por Cecília Souza



Pedagoga, mestranda em educação, a autora é natural de Brasília-DF. Apaixonada por belas palavras e alguém que escreve sobre histórias que a emociona. Se dedica a leitura e a escrita de poesia, contos e crônicas com poema selecionado para publicação em antologia.



A lucidez de um poema

E talvez o problema seja esse...eu sinto...demais!

E o erro não está em quem não consegue me entender nesse mundo de intensos sentimentos.

Não! Eu sou o problema! Sou quem não deveria me permitir entrar tão profundamente nesse universo complexo e único de sensações e intuições.

É quase papável para mim o sentir

E ninguém precisa se entregar tanto a nada assim

Os limites deveriam ser respeitados, caso contrário entrarão na pequena bolha onde se encontram pessoas que esperam uma troca de emoções em uma intensidade que nunca virá

É pouco todo sentimento que chega, e sempre parece faltar

E é muito o que se oferece...é tanto, que parece sufocar

Eu acho que não deveríamos ter controle e nem limites sobre como olhar, observar ou amar

Eu de verdade, não quero ter...

Aprendi a ser assim ao longo das reflexões, dores e carinhos percorridos por vidas

Tentei por muitas vezes expressar a dor e a alegria dos outros

Não sei a que ponto consegui chegar...talvez muito pouco ainda

Mas sei que saí do lugar comum e confortável e que não sou como todos

Devem existir muitas pessoas tão sensíveis e competentes nessa área de saber sentir

E como gostaria de encontrá-las todas

Mas também sei que tem muita gente que não se entrega a nada ou a ninguém com imersão

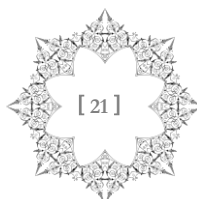
São pessoas que não aprenderam nada sobre como amar e nem tentam...nem tentam!

Pobre delas!

Jamais saberão a sensação de até onde podemos elevar nossos sentimentos, seja para o melhor lugar do mundo ou o pior.

É preciso coragem para amar e força para aguentar as consequências dessa entrega

Esse risco é muito aceitável para mim





APRESENTAMOS O POEMA



SONETO DO MEU SERTÃO

Por Henrique Cananosque Neto



Nascido em Lins em 1980, formou-se em Letras em 2001. Também estudou música e psicologia. Com especializações na área de gestão, educação e música; cursa mestrado em Docência para a Educação Básica na Unesp de Bauru. Trabalha como professor no CEEJA de Lins e na ETEC de Cafelândia. É músico na equipe Querigma da Paróquia São Judas Tadeu de Lins e na Banda Benedito Marinho de Lins. Participa de Antologias Literárias desde 2008.



Meu sertão é meu abrigo

Impossível esquecer

Um amor indescritível

No horizonte que se vê

Esquecer é impossível

Meu abrigo é meu sertão

Um sabor reconhecível

Que acalanta o coração

Coração requer vontade

Entusiasmo de viver

Degustar intensidade

Ao mergulhar em reviver

Um sonho de felicidade

Em meu sertão – você vai ver!





APRESENTAMOS O POEMA



RECEITAS DE FAMÍLIA

Por Lidianne Araújo Monteiro

É natural de Fortaleza/CE. É engenheira civil e atua profissionalmente na área há mais de 20 anos. A escrita é um prazer despretensioso redescoberto há pouco tempo.



Chá de capim-santo com bolacha água e sal:

Dia quente e de ócio

Com primos-irmãos

O vento quente e empoeirado do sertão

O corpo de criança que não se cansa das brincadeiras do dia

Mas que sucumbe à dor do ventre na noite sem fim

“O que comeu? O que aconteceu?”

A avó com olhar reconfortante

E só o seu amor já é suficiente para que o amanhecer se apresse

O sol desperta com aroma perfumado de bebida viva

O chá quente e doce da folha recém-colhida no quintal

A bolacha salgada e crocante energiza

E a saliva se forma na cobiça pelas guloseimas proibidas

Para a convalescente

esperar a melhora

Que vem pelas mãos mágicas

calejadas

imprecisas mas certas

da avó

Nata salgada no pão sovado

Meses de espera

Tempo em que a avó aguarda e guarda

com paciência

Colherada a colherada

a nata do leite fresco diário

Que chega à porta da casa ainda no escuro da madrugada

No portão, o leiteiro com seu tonel de alumínio

Atrás dele, a igreja ainda fechada e a praça deserta

O sal e frio conservam o espesso creme

a nata mais apetitosa que pode existir

Guardada pela avó

Feita por ela

Só para mim

Para escorrer fartamente pelo pão macio

E anunciada assim que me vê chegar:

“Tem nata para você”

Sorvete de nata e goiaba

Barulho de chuva em um dia raro de folga

Vento frio corre pela casa

Balançando a rede malemolente

As horas se arrastam com preguiça

Depois do cansaço de dias

De anos

Da vida

Na xícara, o sorvete de nata e goiaba

O favorito

Sentada na rede e escutando notícias quaisquer

Só para não se sentir sozinha

O que é raro

Mas que hoje, só hoje, é bom

Na língua, o contraste entre o doce cítrico e granuloso da goiaba

e o salgado leitoso da nata

O arrepio do creme gelado potencializado pelo frio lá fora

A cortina fechada eclipsando o dia

A rede atraindo o corpo entorpecido pela farta refeição

E o sono tímido que chega devagar

Sem hora para partir

Canja de galinha

Mal a tarde caía e a canja quentinha descansava na mesa posta

O prato solitário sinalizava uma refeição atípica

Nutrir a nova mãe não requeria convenções
Não era jantar ainda
Mas se a bebê estava nos braços de Morfeu
não se podia esperar
o corpo exaurido da mãe sorvia a comida quente
revigorante e sem segredos
Para se refazer do desgaste da gestação
E do puerpério
E do porvir
Era a comida de outra mãe
Agora avó
Só ela conhecia esse mundo no qual a nova mãe embarcou
Ela sabia o que precisava ser feito
E lançava seu olhar de cumplicidade
Enquanto a nova mãe resguardava o corpo
e a alma
na fluidez da refeição
e da vida





APRESENTAMOS O CONTO



PURO DESVARIO

Por Noah de Aguiar



É graduando do curso de Letras –Português/Inglês e Respektivas Literaturas pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Aspirante, "Puro Desvario" é o seu primeiro conto.



De repente, reabri os meus olhos e o mundo terreno, o qual havia me habituado desde a nascença, não era mais o meu mundo. As tosses, as dores de cabeça, as máscaras, e tudo que se refere a vista euclidiana, havia desatinado. Exceto o meu interior: eu ainda era a mesma imagem grudada à sensação pesada e mascarada.

Meus pensamentos, brutos, se organizavam caoticamente frente à nova paisagem, de forma que tudo me trazia calamidade e uma sensação de não-pertencimento, gerando-me incômodo: a grama no qual me encontrava deitado era áspera, azulada e com odor forte, que me arrebatava com impressões interiores que me lembravam de tudo e, também, do nada, concomitantemente, azucrinando a minha existência. De bruços, raspei minhas narinas por todo o cheiro emanharado e espinhento das gramas, que era doce no começo, azedo no meio e “cru” no final, me assombrando com totalidades – o cheiro me tocava a alma. Desordenado, eu refutava persistentemente toda a agudez que me cercava.

Em um átimo, levantei as mãos, apontei o peito e levantei o corpo: o tempo era noite, e o novo mundo era contornado de luzinhas coloridas, que se flexionavam em volta das árvores e de todos os elementos da natureza como fogueira energética, esguichando fluxos de cheiros e sensações, que me tocavam como vento e penetravam em minha pele como líquido em superfície esponjosa. Estranho! Estranho! A cada nova penetração lançada pelas fogueiras, eu me sentia casto, como se concebe-se o tudo, essencialmente, pela primeira vez. Em meu coração, uma surpresa quente: dentro de mim, havia também uma fogueira, que se incendiava com todas as outras ao meu redor.

Em meu ombro, subitamente, senti o “gosto” de um toque muito familiar, como se sentisse a presença em meu coração de minha mãe, de meu pai, meus avós e meus irmãos. Ao me virar, e, quase sem pensar, gritei:

— Ei! — bradei em saudade como se chamasse todos os meus queridos.

Mas o que encontro, me espantou: um homem de minha altura, com uma túnica marrom coberta da grama roxa e de penas coloridas e esquipáticas de aves que nunca havia visto.

— Quem é você?

Silêncio. O homem desatou a sorrir, exibindo seus dentes quebradiços e amarelados... Um infame! Senti repulsa e ódio.

— Quem é você?

Nada.

O homem apertou o meu braço com força, como se me chamasse, dando-me uma fissura íntima e contorcida, oscilando a permanência de minha identidade. Ele chegou mais perto e sorriu obstinadamente, encostando seu nariz ao meu, como se pudesse sentir o que sinto, rindo com volúpia.

— Olha! — sussurrou o homem, apontando para tudo ao redor.

Assim que me deu as costas, abriu uma trouxa tão obtusa quanto os seus próprios trajes, que carregava em seus ombros, e se pôs e a correr, livremente, com a ânsia de uma criança e o apetite de bicho, às árvores e flores singulares, tragando, como se colhesse, pela boca, em um único suspiro, um apoucado das fogueiras cintilantes que rondava tudo, para que pudesse, logo em seguida, soprá-las em sua trouxa. Este traga e sopra me lembravam um fumante obstinado.

— Olha! — galgava o homem, apontando para tudo o que via, com fome e loucura. — é a vida! A vida! A vida! A vida!

Fiquei estático observando-o em potência, sugando a vida e depositando-a em sua trouxa, como se acumulasse o maior dos tesouros, o maior dos valores: banco pessoal de existência, cru e colorido. Vi beleza.

Assim que o homem deixou de realizar a sua carga e descarga, aproximou-se de mim e entregou-me a sua trouxa, em um ato genuíno, gratuito, dando-me reconhecimento de quem eu verdadeiramente era. Ao voltar meus olhos para o louco, em gesto de agradecimento, um susto: sua feição era branda, estética e proporcional. O homem me sorria com dentes perfeitos e exuberância, lembrando uma pintura harmoniosa, cuja perfeição é indubitável. Quanto mais ele me sorria, mais cintilante ficava o seu rosto e mais eu o reconhecia. Diante de minha fixação, o mundo começou a desaparecer, me fazendo retornar, como se tivesse sendo puxado para o túnel do mundo terreno, para minha vida de outrora, restando-me apenas o semblante do belo homem,

que refletia no espelho do banheiro de meu escritório, mirando-me, em meu mundo euclidiano. Sua cara era a minha.

Ao sair pela porta, o mundo era exatamente como me lembrava: pesado e unilateral. Mas eu não. Não pertencia a este mundo. Meus colegas se debruçavam aos computadores, mascarados, envolta de cheiro persistente de álcool, ganhando a vida com o menor que poderiam oferecer. Da rua, ouvia-se o som da chuva batendo contra o chão, soltando no ar o cheiro úmido de terra e infância. Diante de tanta agudeza e novidade, desatinei a bradar, com espírito cru e colorido:

— Olha, é a vida! A vida! A vida! A vida!





APRESENTAMOS O CONTO



UM FIM DE MUNDO QUALQUER

Por Paulini Procaci



Nascida em Abril de 2002 sob o signo de Áries, Paulini Procaci é originária do estado de Minas Gerais, mas apaixonou-se prematuramente por São Paulo, lugar em que mora atualmente e que foi responsável por grande parte de seu amadurecimento. Nas horas vagas, sempre gostou muito de ler e, recentemente, descobriu também amar escrever, atividade na qual tem investido cada vez mais esforços, mesmo que a passos trôpegos.



Costumava ser um povo colérico, formado por habitantes de uma realidade sanguínea que fazia arder os olhos. Perceba: falo no pretérito porque era assim que viviam, já não vivem mais. Ainda era cedo quando a notícia, que fingia ser fleumática, chegou até eles e ameaçou tingir aquele pequeno mundo com os melancólicos legados da humanidade.

Evocavam os seus próprios deuses e os seus próprios mortos em desespero. Não haviam feito nada daquilo. Não mereciam nada daquilo. Mas pagariam por tudo aquilo. Naquele dia, a previsão do tempo anunciou o fim daquele microverso. Injusto? Certamente. Irremediável? Àquela altura, sim.

Silenciosa e criminosa, a humanidade sabia bem o que se passava com aqueles sujeitos e só conseguia lamentar pela perda, declarando uma dor desatinada que não chegava nem perto de doer de verdade. Poesia? Não, apenas apenas indiferença. Quando aquele lapso teve fim, valeu a pena avisar ao jornal como era triste toda aquela perda. Definitivamente, caía muitíssimo bem aos olhos de quem quer que passasse olhando por ali. Sempre dizem que mentira tem perna curta e, para toda aquela gente que sobrou para chorar "crocodilianamente" pela catástrofe, não poderia existir notícia mais agradável que essa. Para eles, anular a verdade que lhes vilaniza é fácil, carregar inverdades junto ao peito torna tudo ainda mais simples. Exclamam, então:

— Um brinde aos diminutos membros inferiores dessa fabulação coletiva que esconde tão bem nossos erros!

Diante desse universo em que muitos pagam pelo erro de poucos, pergunto-me se o destino acha mesmo que a ironia é algo tão legal. Parece apenas injusto, infundado, inexequível. Por que um apocalipse exclusivo para eles? Não eram piores, não eram melhores, não eram relevantes. Eram pequenos e eram azarados. Tantos lugares propícios ao desastre e foi justamente sobre eles que pairou a destruição pela qual não tinham qualquer culpa.

Afastada de todo esse caos que busca disfarçar evidências e esconder culpados, naquele dia, a ruína anunciada daquele lugarejo determinou o fim para tantas e tantos inocentes. Claro, não apenas para eles. Afinal, pessoas culpadas estão sempre à espreita

do bem e foi nessa peleja dual que tudo aconteceu. Alguns tiveram sorte; outros, não. As sequelas foram distintas, mas passaram a assombrar a humanidade secretamente desde então.

Aquela manhã havia começado sonolenta, com o maior dos astros escondido pela preguiçosa névoa que não cedia espaço para qualquer brilho, mesmo que afável. Calejados pela própria rotina, os componentes de uma família qualquer acordavam cedo para que pudessem assistir às próprias vidas acontecerem vagarosamente. Como poderia ser diferente? Moravam em uma casa qualquer, localizada em uma esquina qualquer, contemplados por uma vida qualquer. Mesmo que morna, porém, contentavam-se em aceitar aquela vidinha besta. Alguns deles até deliravam ao pensar sobre uma outra existência que não fosse tão ordinária mas, apesar disso, não desejavam um fim tão crepitante para tudo aquilo que conheciam.

Reunidos à mesa para dar início ao novo dia, quase todos pensavam sobre o próprio umbigo e todas as coisas que o orbitavam. A exceção era o pai que, como outro qualquer, distraía-se com as boas e as más novas. Algum milionário tornou-se ainda mais milionário. Mais uma espécie entrou para as estatísticas e para os livros de História. A Terra continua à beira de um colapso nervoso. Nenhuma novidade foi ouvida até que o grande aviso foi dado, mudando rotas e destinos. Por um breve instante, todos pararam para ouvir a voz do prefeito comunicar a derrocada que se aproximava deles e que iria encerrar aquele dia cansado e cansativo com chave de ouro.

O prefeito pediu calma e serenidade, avisou que aquele era mesmo o fim e assegurou que nada poderia ser feito para barrar o inevitável. Depois do recado solene, disseram tê-lo visto arrumando as bagagens em um carro e partindo em retirada, jamais morreria feito um indigente qualquer ali. Os sujeitos que pagavam o salário dele, por outro lado, sequer tiveram escolhas. Acataram com desagrado aquele futuro imposto sem que merecessem tamanho castigo e pagaram com juros as dívidas que homens usurpadores, preenchidos pela humanidade que tanto lhes causa orgulho, adquiriram perante o macroverso que habitam.

Ao ouvir as notícias de sua própria desgraça, a família miserável nada fez. Não havia ali nenhuma novidade para aquelas pessoas, sempre foram capachos de outrem para que não morressem de fome. Enxergaram, naquela partida, uma forma de fugir da realidade que os matava lentamente. As crianças não questionaram, os pais não se indignaram, as mães não se assombraram. Todas aquelas linhagens quaisquer apenas aceitaram o fardo e terminaram de viver conforme fariam em um outro dia de menos estorrecimento. Sabiam o quanto eram insignificantes para o restante do mundo; reconheciam que não adiantaria clamar por justiça; entendiam que torcer pela clemência de terceiros era perda de tempo.

Esgotada, a mãe — talvez uma Maria, uma Mafalda, uma Madalena — assumiu a posição encarcerada de todos os dias. Mecanicamente, varreu a casa. Habilmente, cozinhou aquilo que nunca seria deglutido. Pontualmente, recolheu do varal as roupas cloradas que secavam. Acima de sua cabeça, o céu ameaçava despencar a qualquer instante.

Sem pesar e sem pensar. Os dias da mulher costumavam ser sempre assim. Como um robô cheio de engrenagens descompensadas, ela vivia um constante piloto automático. Não tinha estudo, não tinha vontade e não tinha apoio. Estava à margem e não se preocupava com isso, afinal, todos por ali também estavam com ela.

Impotente, o pai — talvez um José, um João, um Jairo — dirigiu-se até o centro da multidão com suas preciosas quinquilharias. Timidamente, anunciou produtos a preços reduzidos. Espontaneamente, cedeu mais descontos para os conhecidos. Tristemente, contou o dinheiro que lucrara. Sobre o chapéu encardido que adornava sua cabeça, as nuvens zuniam com selvageria.

Trabalhava como vendedor desde sempre, ofício que aprendeu com o pai, que aprendeu com o avô, que tinha morrido de fadiga há alguns anos. Não era a melhor das profissões, não gostava daquilo e, quando ainda era criança, sonhava com uma coisa diferente para o próprio futuro. Queria ter seguido por outro caminho, na verdade, queria ter sido livre para escolher como conduziria a vida através daquele mundo. Fez planos para ser professor, mas jogou todos eles fora quando deu início à sua família. Era jovem

quando tudo aconteceu e roubou a preciosa adolescência, interrompeu as aulas que frequentava à tarde e entregou-se exclusivamente ao trabalho que era uma tradição entre aqueles que o criaram.

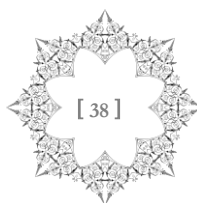
Ficou eternamente assim, sem estudo e sem estrutura. Pretendia ser uma figura paterna diferente daquela com a qual conviveu, mas não foi capaz de fazer isso. Ainda que no começo da maturidade desejasse profundamente oferecer o amparo com o qual nunca foi capaz de contar, o amargor da existência alterou rapidamente os planos sobre os quais refletia. Não havia motivos para supor que os próprios filhos romperiam esse ciclo perpétuo, aquilo não aconteceria tão facilmente naquela encarnação. Talvez fossem prodígios invisibilizados, mas já não importava, morreriam como insignificantes paupérrimos.

Angustiadas, as duas crianças — conhecidas por todos apenas como filhos daquele casal — choraram a caminho da escola. Não que fossem fracas ou estivessem desacostumadas com as durezas cotidianas que as cercavam. Mas, diferentemente dos progenitores, ainda eram esperançosas e conseguiam projetar um futuro brilhante à distância de um fechar de olhos. O menino e a menina rezavam para que nunca precisassem ser como os pais, com corações tão ressecados pela realidade penosa. Apesar das circunstâncias, ainda amavam aquele homem e aquela mulher que haviam lhes concebido. Mas sabiam que ambos não eram modelos ideais de uma existência digna. Portanto, optavam pela ignorância toda vez que tinha início aquela lamúria sobre o sabor árido ao qual todos os que ali moravam estavam destinados. Caso fosse mesmo verdade, preferiam fazer daquela uma questão porvindoura. Em cima de suas mentes turbulentas, os corpos celestes repudiavam a tragédia anunciada.

A essa altura, sobre esses sujeitos nota-se claramente: não eram uma família memorável, não fizeram nada que garantisse qualquer mérito, não receberam homenagens quando o fim derradeiro os alcançou. Morreram no anonimato, largados à própria sorte, abandonados por tantos outros que depois choraram sem nada sentir. Eles não foram ninguém e, simultaneamente, foram todos que poderiam ser. Dignos de nota ou não, é fato que eles não foram sujeitos isolados que padeceram como nunca antes fora

visto. Não, esse tipo é um velho conhecido para absolutamente qualquer um, vítimas do mundo como qualquer outro fulano que perambula por aí, torcendo para que a sorte nunca vá gazetear.

Quando a noite chegou, partiram todos. Premiados com o legado fleumático daqueles que varrem o planeta como se o amanhã fosse uma mera palavra, todos aqueles infelizes inomináveis assistiram vir abaixo aquele esquecível pedaço de mundo que um dia suportou toda a cólera do ser humano, predador sanguinário que vende o próprio lar em troca de uns supérfluos prazeres que roubam a melancolia do ser.






APRESENTAMOS O CONTO



A CASA DA FREGUESIA

Por Pedro Veríssimo da Silveira



Nascido em Soledade, RS em 05/08/1932. Filho de colonos de subsistência, foi para Porto Alegre com treze anos, trabalhou e entrou para o Exército. Casou em 1959 com Maria Eugênia Pra Baldi da Silveira, teve cinco filhos, são casados há sessenta e três anos. Tem curso superior de Biologia e Administração. Durante toda sua vida foi um apaixonado pela natureza. Em 1970 foi morar em Florianópolis, onde reside até hoje. É oficial reformado do Exército Brasileiro.



Não estou fazendo apologia ao meretrício não oficial, apenas narrando um fato de meu conhecimento.

Essa casa não era chamada assim porque situava-se numa vila cujo nome era esse e sim porque era a casa de muitos fregueses. Fazia parte de umas trinta residências entorno de uma serraria onde morava a D. Ismênia. Senhora muito bonita, chamava a atenção por onde passava. D. Ismênia tinha sofrido um dissabor amoroso muito grande, que a abalou, indelevelmente.

Ismênia, a ervoeira, como era referida por algumas pretensas vestais, hipócritas, moradoras das cercanias que a conheciam, além de ser bonita era duma brandura e meiguice de desentibiar qualquer pessoa que conversasse com ela. Por necessidade premente se prostituiu.

Era mulher de muitos fregueses, caminhoneiros, caixeiros viajantes, políticos, tropeiros etc. A todos tratava com a mesma meiguice e receptividade. Sabia os hábitos e gostos de cada um quando não era surpreendida, sempre esperava com um agradinho. Vivia assim, quando não era achincalhada pelas carolas conhecidas. Mas era uma mulher erudita, educada pelo pai, Coronel Antenor, que morava longe noutra Estado da Federação e que tinha também outra filha, Erenida, casada, professora, que lecionava e morava noutra cidade que não a mesma do coronel. Ismênia tinha, assim como a irmã, curso superior e se dava muito bem com o Coronel seu pai. Ele, viúvo, também levava uma vida fora do convencional e na cidade, vez por outra, ela o visitava. Quando isso acontecia ele se comportava um pouco. No entanto, nunca deixou de ser femeiro, porém nunca sofreu vitupério como sua filha noutra cidade, nunca escutou avanias e/ou labéus de quem quer que fosse, evidências do machismo execrável, vergonhoso, nojento e mundial. Ismênia, a filha, esta sim, sempre escarnecida, aviltada quando tinham oportunidade e queriam tê-la. — O preconceito é o mal maior do mundo, como as pessoas fazem ilações maléficas, errôneas, e nem se envergonham!

Dona Ismênia, não a quenga, para os inferentes e maldosos, continuava sendo aquela pessoa mansa, simpática, meiga etc., que sempre foi, porque era de sua natureza, e as crianças nas suas inocências, assim sentiam. Ela sempre carregava uma bolsa grande na

qual colocava as compras que fazia na venda do Seu Militão, uns tipos de guloseimas que levava para os “fregueses” e às crianças, os pequeninos, que se aproximavam dela sorrindo, distribuía algumas bolachas e balas. Com isso foi conquistando as mães, passando, até a ser cada vez menos execrada.

Entrementes, a vila, de nome Guajuvira, lançou um plebiscito para a emancipação do povoadinho, alegando falta de assistência pela sede. Por unanimidade a ideia foi aprovada.

— Agora quem vai ser o prefeito?

— O seu Sipriano, diz um!

— O seu Demétrio, ajuntou outro!

— Então vamos consultar os futuros candidatos por nós lançados... Ambos de poucas letras, um, o seu Sipriano, alegou já ter seu negócio que tomava quase todo o seu tempo, era ervateiro, e já bem conhecido, até no exterior, o outro alegou ter assinado recentemente um contrato grande com a madeireira e conseqüentemente não poderia se ocupar com outra coisa por quanto estava impossibilitado de se envolver nesse mister. Está claro aí, que não aceitaram ser candidato por medo de enfrentar uma administração municipal.

Foi então que a esposa do seu Chico Matoso, senhora duma pudicícia imutável, lançou um nome feminino.

— Por que não?

— Ela mesma, que, segundo os rumores é estudada.

— Tá louca muié, capais que imo botá, uma... uma muié da vida como perfeita? não memo!

— Ora, ajuntou a Sra. Do seu Matoso, cujo nome não me recordo, “é a única neste lugar que tem estudo, e deve indicar o seu vice!”

Reuniram-se então, com a quenga da casa da Serraria, borbotaram o projeto a todo o sodalício, este, com muitas rejeições e explicitações, pendengas, justificativas e mal-entendido, foi aceito.

Dona Ismênia, que até então se mantinha calada, apenas com seu sorriso meigo, simpático e cativante, erudita, tinha concluído no seu imaginário a premência da ocasião, ergueu-se do assento, deu uma olhada por cima do auditório, aguardou uns segundos e sentenciou, plagiando D. Pedro: se é para o bem de todos e felicidade geral do município, estou pronta, diga aos futuros munícipes, que aceito!

— Resta agora escolher o seu vice!

— Amanhã dou a resposta, pois tenho que consultar a pessoa, ajuntou Ismênia.

Seu Joaquim Bordalessa era um vendedor de vinho, comprava no atacado dos vinheiros e vendia com uma margem de lucro para os colonos e bodegueiros da região, numa carroça com quatro mulas. Normalmente nessa distribuição biscateira, demorava-se um ou mais dias, Dona Olga, sua esposa, mulher meio letrada, tinha feito o elementar, (primário completo), conversava bem e Dona Ismênia a conhecia e se davam bem, pois a esposa do comerciante de vinho, o Seu Joaquim Bordalessa, quando este se demorava mais de um dia, a Olguinha, como era chamada, pelos fregueses da Casa da Serraria, se bandeava para as borgas para fazer companhia à Dona Ismênia e aos fregueses. Numa dessas esbórnias, Dona Olga foi convidada e aceitou concorrer à vice prefeitura.

Quando o Cel. Antenor, pai de Dona Ismênia, soube que sua filha era candidata à prefeitura de uma cidade, ficou tão feliz e orgulhoso que mandou, de pronto, um dinheiro e prometeu mais quando ela precisasse. Ela, naturalmente, aceitou e respondeu que precisaria. Sem perda de tempo, o coronel a forrou de pelegas. Dona Ismênia ganhou a eleição.

Elegeu a câmara, composta do número oficial, nove edis, sendo sete mulheres. Fez uma excelente gestão. Entre os projetos constavam os seguintes:

. Planejamento Familiar, — o prioritário...

— Vamos cuidar das crianças já nascidas e as que estão sendo geradas e evitar a geração das não desejadas. Sabe-se que no Brasil seiscentas mil mulheres, anualmente, morrem por praticar o aborto clandestino em fundo de quintal, ou seja, por técnicas condenadas e sem assistência, quando essas mulheres deveriam ter instrução sobre

métodos anticonceptivos, bem como, o fornecimento dos meios para execução do projeto.

Isso feito, a gestão de Dona Ismênia, impediu que uma pequena favela vicejasse na periferia da então vila, estratificou muitas famílias hilotas e salvou muitas mulheres.

. Tratamento de água e esgoto para todos os munícipes, inclusive os das áreas rurais. Trator para as mesmas áreas, a máquina trabalhava até uma quantidade de dias gratuitamente se passasse do tempo, pagaria o combustível.

. Luz para todos, onde a energia urbana não alcançava, ela forneceu candieiro com carbureto.

. Construiu creche para os a caminho e os nascidos.

Durante a gestão recebeu muitas visitas e homenagens de outros prefeitos tentando saber quais os segredos de tanto sucesso, de políticos e admiradores da boa gestão da prefeita. Chegou a ser cogitada para ser governadora do Estado. Não sabiam eles que ela tinha uma fonte inesgotável a fundo perdido, do seu pai, coronel, fazendeiro e que já estava idoso e meio alquebrado.

Faltando meses para terminar o mandato, seu pai, o Cel. Antenor, faleceu. D. Ismênia se confrangeu muito e quando deixou a prefeitura, foi atender a fazenda e os negócios de seu finado pai.

Em seguida que chegou na estância no Mato Grosso, a esposa de um empregado seu, faleceu num acidente. Viajava ela, na popa de um barco e, antes do barco atracar, pulou para alcançar o barranco e não conseguiu a proa do barco a esmagou. Essa senhora deixou duas crianças, duas meninas, uma de cinco anos e outra de três. D. Ismênia, as acolheu na casa da fazenda e resolveu adotá-las, Nilva e Neiva.

Nilva casou com o filho do finado capataz e administrador do também falecido, o patriarca, Coronel Antenor. O rapaz estudou no povo, bacharelado-se em advocacia. A outra, a Neiva, casou-se com o filho do dono da fazenda lindeira, rapaz também erudito.

Não muito longe dali, umas oito léguas, morava o Coronel Euzébio contemporâneo do Coronel Antenor, também falecido, tinha uma coudelaria, lidava com cavalos de muitas raças, de trabalho e de corrida. Teve um casal de filhos, ela casou com

um geólogo venezuelano e estão morando em Caracas. O rapaz, veterinário, ficou tomando conta do haras, foi morar na fazenda da D.Ismênia, apesar de onze anos mais moço que ela, casaram-se, porém com separação de bens.

Quando estava tudo bem, iam, apenas nos dias úteis, ter com o capataz e providenciar alguma coisa que por desventura faltasse para os animais.

D. Ismênia sempre prazenteira, passou a ser cognominada, a Madrinha pelas crianças e Santa Ismênia pelos adultos, pois o altruísmo lhe era tão natural, tanto que casou-se com separação de bens para salvar a herança das suas filhas adotivas.

Até aonde a gente tem conhecimento, Santa Ismênia continua vivendo com seu marido, Getúlio, que, usando uma aférese, tratam-no de Tuio. Segundo as pessoas que os conhecem, vivem felizes, de vez em quando viajam a passeio para o exterior. Dr. Tuinho e Santa Ismênia viajam bastante.





APRESENTAMOS O POEMA



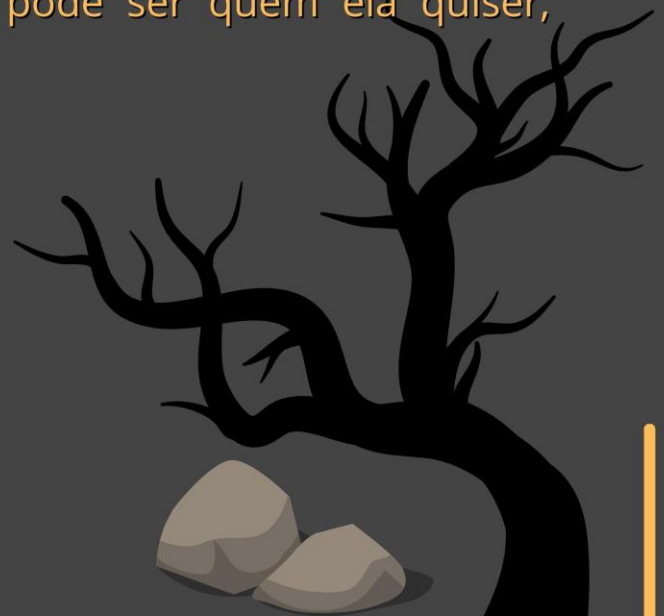
VERSOS DE JULHO

Por Tainá Laíse Silva (Tay)



Tainá Laíse Silva, mais conhecida como Tay nasceu em 1998 em Salvador, Bahia. Ela começou a escrever poemas aos 12 anos de idade, mas foi em 9 de maio de 2020 que ela decidiu compartilhar os seus poemas com as pessoas, então ela criou um perfil de escritos, no Instagram para que todos pudessem apreciar a sua arte escrita. Além de poemas, textos e contos, a Tay também escreve músicas.

A Tay costuma sempre dizer que, a poesia é um lugar seguro, um mundo onde ela pode ser quem ela quiser, inclusive ela mesma.



Não há um só dia em que eu não pense em ti...

Meu pensamento passeia pelo seu rosto a todo instante.

É impossível não sorrir ao lembrar do seu jeitinho deslumbrante,

Do som bom que é a sua voz, do seu olhar marcante.

Quando você vai aparecer?

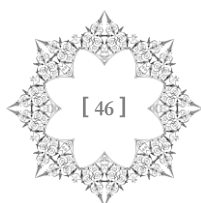
Essa sua ausência é tão angustiante.

Vem, mas vem depressa porque a saudade já é grande!

Está guardada na estante a minha vontade de te vê...

Junto com os poemas, os textinhos, os versos de julho

Que escrevi para você.





APRESENTAMOS O POEMA



FORASTEIRO

Por Tiago Salpin

O meu nome é Tiago Salgado Vieira. Nasci em 2002, na cidade de Guarulhos, onde resido até hoje. Trabalho inspecionando implantes, mas sempre gostei de escrever, o que me levou a fazer minha inscrição neste concurso.



— Forasteiro, forasteiro,
Aonde é que tu caminhas?

— Sol, Mar,
Terras a caminhar,

Sol, Mar,
Céus a andar.

— Forasteiro, forasteiro,
Você é sozinho?

— Nessa estrada,
Eu vou sozinho,
A solidão é minha amiga
E a vida...
É minha estrada.

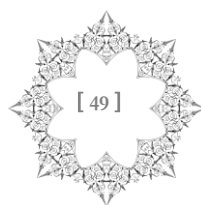
Nessa estrada,
Eu vou sozinho,

Carregando meu coração,

Mas, com essa vista maravilhosa,

Não tem razão

Para ir embora.





APRESENTAMOS O POEMA



HORTO NO SERTÃO

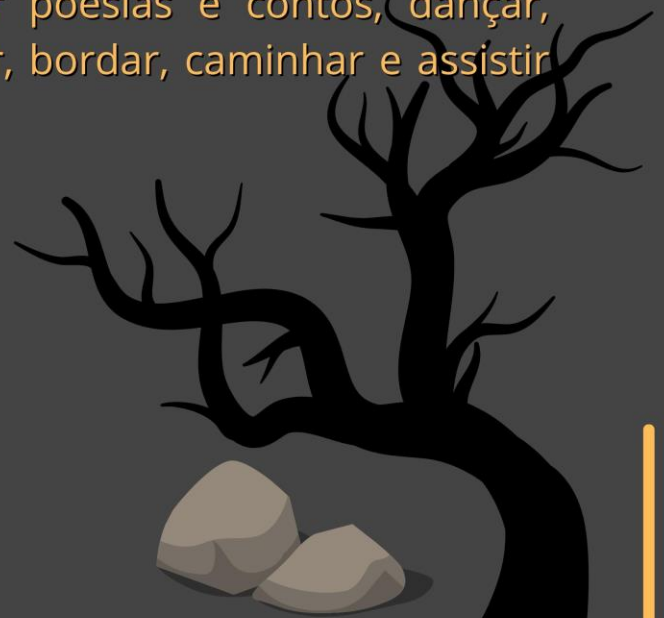
Por Vânia Lúcia Malta Costa Catunda



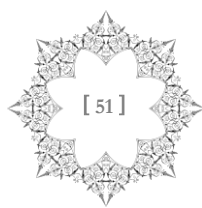
Natural de Maceió - Alagoas. Filha de José Inocência Leão Costa (em memória) e de Maria Cleuda Malta Costa.

Tem 4 irmãos: Nazaré, Glaucia, Cleide e Junior. Casada com Júlio César Catunda. Não tem filhos. Médica Neonatologista / Pediatra da Secretaria de Saúde do DF, onde trabalhou por 30 anos no Hospital da Ceilândia. Recém aposentada.

Publicou seu primeiro Livro O OLHAR DA VIDA , em fevereiro de 2022, de poesias. Tem participações em algumas Antologias. Gosta de escrever poesias e contos, dançar, cantar no coral da igreja, viajar, bordar, caminhar e assistir documentários.



Visitei um horto bonito,
Cheio de umbu e caju.
Pelos lados do meu sertão.
Tinha cabaça em cada canto
Que passava.
E como eles gostam desse lugar!
Onde o calorão é a total desolação!
O sertanejo vive aflito.
Esforçando-se para irrigar
A sua estimada plantação.
Tem um apego renhido
E vive a pelejar onde água encontrar.
Até em sonho busca a solução
Que de tanta fé e crença
Em semear seu chão.
A terra faz florilégio e germina a vegetação.
Homem, mulher, criança, na batalha pelo pão.
Nunca desistem da missão
O jeito humilde de ser
O costume de sofrer
A caatinga e o mandacaru a embelezar
O famoso jegue a transportar.
O solo rachado, parece desenhado.
Tudo isso é herança do meu sertão.
E não há como não honrar.
Esse lugar de tanta provação.
De uma gente de grande coração.





APRESENTAMOS O POEMA

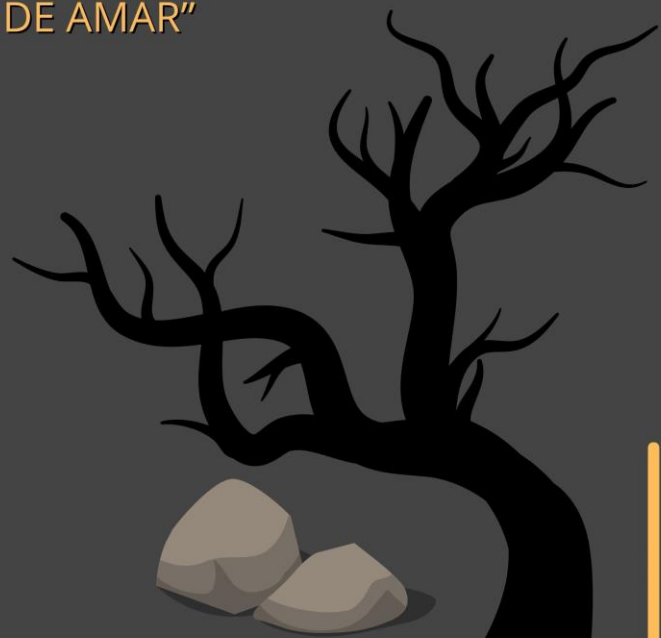


AMOR DO SERTÃO

Por Wanda Rop



Paulista, residente em Porto Velho-RO, Major PMRO, antologista, poetisa, Formação Curso Superior de Filosofia, cursando último semestre do Curso Superior História, Pós-Graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup/Neuropsicologia; Gestão Escolar e MBA Executivo em Negócios Imobiliários e Turismo. Acadêmica da A.I.S.L.A, A.L.S.P.A, FEBACLA, AILB, AIML e Membro Fundadora da ABHL, Autora do Livro "Paixões e Poemas de uma mulher intensa" e "TEMPO DE AMAR"



De onde vem o meu amor?

O meu amor vem do sertão

Ele tem a pele queimada

E muita ternura no coração

Suas mãos são grossas e gentis

Em seus olhos, vejo a força de um guerreiro

Sedução é a simplicidade em seu sorriso

Homem belo e forte por inteiro

É luz para todos que o cercam

Sua voz, seu sotaque especial

Amor forte e destemido

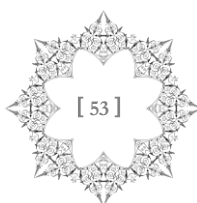
Como ele não há igual

Não existe seca em nossos caminhos

Só afeto e muito amor

Sertanejo, só quero te amar

Vem sentir o meu calor!





APRESENTAMOS O POEMA

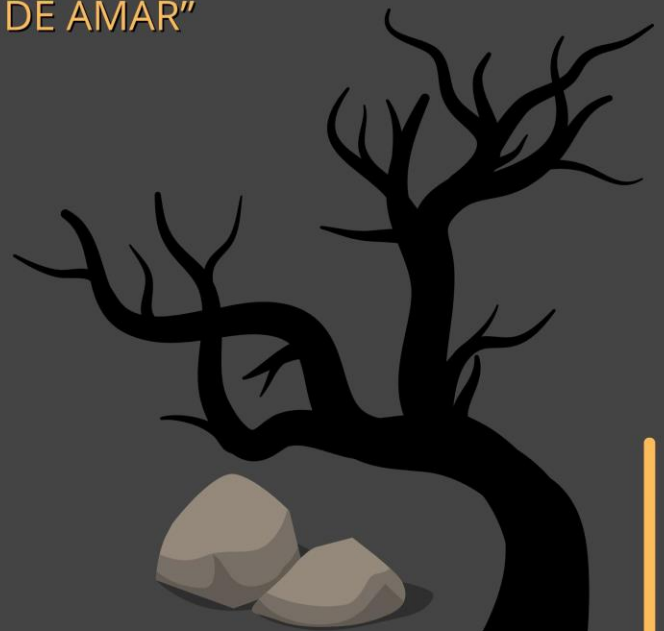


FASCÍNIO PELO SERTÃO

Por Wanda Rop



Paulista, residente em Porto Velho-RO, Major PMRO, antologista, poetisa, Formação Curso Superior de Filosofia, cursando último semestre do Curso Superior História, Pós-Graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup/Neuropsicologia; Gestão Escolar e MBA Executivo em Negócios Imobiliários e Turismo. Acadêmica da A.I.S.L.A, A.L.S.P.A, FEBACLA, AILB, AIML e Membro Fundadora da ABHL, Autora do Livro "Paixões e Poemas de uma mulher intensa" e "TEMPO DE AMAR"



Sertão que me fascina

O olhar de um sertanejo me ilumina

A lua cheia no céu a brilhar

E o meu coração feliz em amar

A caatinga é o cenário da nossa paixão

Relacionamento vivido com emoção

Ausência de chuva e intenso calor

Na simplicidade há presença do amor

Da casinha de taipa observamos

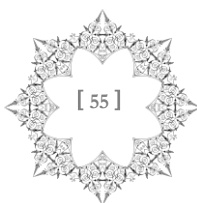
Os mandacarus que amamos

Resistentes, necessários e belos

Nosso romance é puro e sincero

As dificuldades de muitos momentos

Jamais destruirão os nossos sentimentos






APRESENTAMOS O POEMA

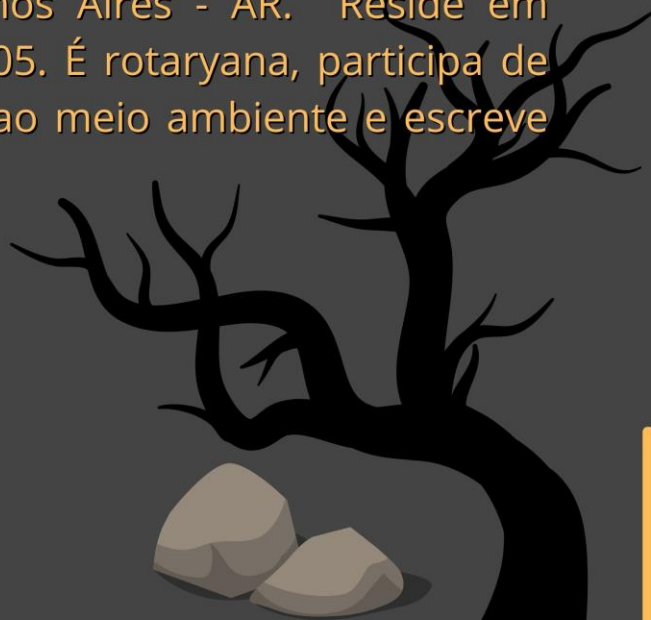


SOU POETA

Por Zenilda Teodora de Lima



Zenilda Teodora de Lima, com 49 anos, de Tenente Portela, RS. É divorciada, tem dois filhos, Camila e Vinícius. Aos 13 anos foi com sua família para Água Boa-MT. Formada em Letras/Literatura pela UFMT, e formou-se em 2012 em Direito, pela UniCathedral e desde então tem exercido a advocacia/assessoria jurídica. É especialista em Linguagem(UFMT)e em Gestão Pública (Faculdade Afirmativo). Doutoranda em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Católica de Buenos Aires - AR. Reside em Barra do Garças-MT, desde 2005. É rotaryana, participa de vários conselhos relacionados ao meio ambiente e escreve poesias.



Sou Poeta

Sou a poesia que assalta meus pensamentos

Sou o fogo, sou a água

Sou o sereno da noite

Sou a tempestade e sou a calmaria

nos prados ao cair da aurora.

Sou o instante e sou o infinito

Tudo em mim é vívido, latente e musical

Sou o som que vibra e sou o nada.

Tu me faz poeta que tudo sente,

Na alegria nas manhãs ensolaradas,

Beleza no cair da noite,

E tristeza na despedida.

Posso ser a poesia que não se rima.

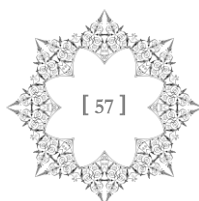
Me encontro nos desencontros dos apaixonados.

Me vejo no amadurecimento da flor.

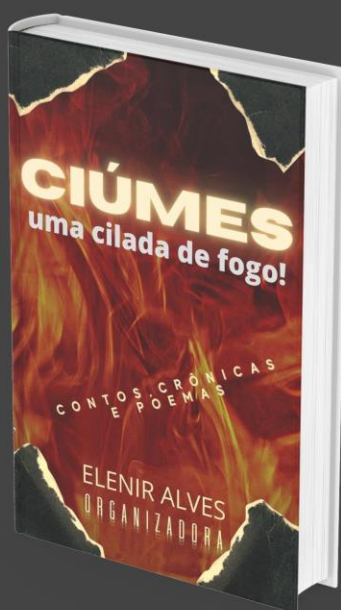
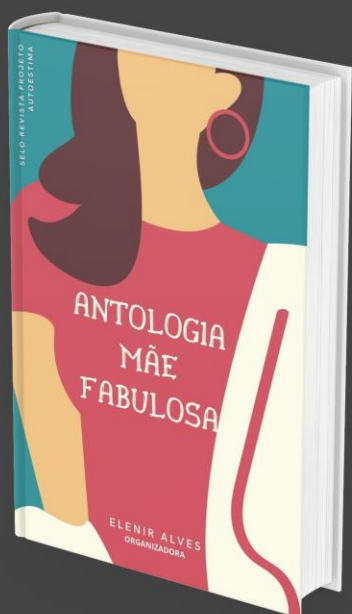
Sou a natureza e com ela sou tudo.

Não sou Cecília, mas sou alegre e sou triste,

Porque sou poeta!



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE O E-BOOK GRATUITAMENTE:
CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE:
WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

CURTA:
WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA

SIGA A PÁGINA:
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA

CONTATO: ELENIR@CRANIK.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS.
LEIA OS NOSSOS EDITAIS EM ABERTO:
CLIQUE AQUI

